

## **Revolução e Bolivarianismo na Venezuela da Era Chávez**

Anatólio Medeiros Arce

*Universidade Federal da Grande Dourados*

Marcos Antônio da Silva

*Universidade Federal da Grande Dourados*

### **1 Introdução**

A Revolução Bolivariana pode ser definida como o processo político iniciado após a ascensão de Hugo Chávez à presidência da República em fevereiro de 1999. Tratou-se de um período crucial na compreensão dos rumos tomados pela Venezuela no início do século XXI, ao viabilizar a construção de um novo projeto de Estado Nacional com base em dois pontos: a nova abordagem da figura de Simón Bolívar; e o papel desempenhado por Chávez ao conduzir as transformações estruturais pelas quais o país passou, as quais atingiram sua estrutura social e fincaram bases para uma nova concepção de representatividade e participação política.

Durante a era Chávez (1999-2013), a Venezuela desempenhou um papel crítico no tocante a distribuição de poder nos âmbitos regional e internacional, convivendo com um sistema político polarizado. Em quatorze anos na presidência, Chávez se tornou a representação física do regime, pois sua liderança foi essencial em momentos decisivos, sobretudo quando sua permanência no cargo mais esteve questionada. Não há como desconsiderar que sua imagem foi difundida como o único capaz de manter o processo revolucionário, o que em termos concretos significava continuar a obra iniciada por Simón Bolívar no século XIX.

Dessa forma, a sociedade venezuelana foi transformada em seus diversos âmbitos durante a Revolução Bolivariana, visualizada pela reforma do sistema político, através da Constituição de 1999. No aspecto econômico houve a retomada do petróleo (principal fonte de recursos do país) pelo Estado, o que permitiu o investimento no setor produtivo e em políticas sociais. Além disso, foi construída uma nova relação Estado-sociedade com a ampliação dos canais de participação política, mediante diversos mecanismos de consulta popular. Tais transformações foram possíveis em razão da liderança desempenhada por Chávez (figura política carismática), somado ao momento econômico de subida nos preços do petróleo no mercado internacional. Por outro lado, a estratégia de enfrentamento com a antiga oligarquia fez com que a Venezuela se tornasse uma nação política e socialmente polarizada, tornando-a propensa ao enfrentamento, manifestada pelas tentativas da oposição em destituir Chávez.

Portanto, o artigo tem como objetivo discorrer sobre a Revolução Bolivariana na Venezuela, analisando o impacto exercido por esse momento político nas instituições do país. A partir disto, discute-se a possibilidade (ou não) de continuidade do processo após a morte de sua principal liderança. Para tanto, além de revisão bibliográfica sobre a realidade política venezuelana na era Chávez, o texto foi construído com base nas seguintes fontes: discursos e demais proclamas de

Simón Bolívar e Hugo Chávez; artigos jornalísticos publicados no jornal *oficialista Correo del Orinoco*; e demais publicações feitas pelo regime, a exemplo de resultados eleitorais.

Este artigo está dividido em três itens. No primeiro, se discute as especificidades do cenário político venezuelano através da abordagem feita por Chávez do culto à figura do libertador Simón Bolívar, colocando-o como principal elemento de inspiração nas ações do regime. No segundo, se vislumbra o tipo de liderança exercida em quatorze anos de mandato presidencial, ainda que se reconheçam as dificuldades de enquadrá-lo seguindo parâmetros outrora utilizados para classificar outros líderes populares que existiram na América Latina, em especial no século XX. Por fim, se ocupa em responder se a Revolução Bolivariana chegou ou não ao final com a morte do presidente Chávez, ocorrida em 5 de março de 2013.

## **2 Revolução e bolivarianismo: especificidades da realidade venezuelana**

De acordo com Bobbio (1998), um processo político pode ser considerado revolucionário caso desencadeie profundas transformações na estrutura social de determinada sociedade, as quais envolvem o sistema político, a economia e a organização social. Além disso, em seu sentido contemporâneo, uma revolução pode ser caracterizada pela existência de dois grupos antagônicos que lutam pelo poder e o êxito de um deles, seja por intermédio de enfrentamento armado ou mediante eleições, tende a provocar consideráveis transformações no âmbito socioeconômico (Bobbio, 1998, p. 1122-1123).

Com base em tais elementos, o processo político venezuelano, desencadeado após a ascensão de Hugo Chávez à presidência em 1999, pode ser considerado revolucionário. Chávez chegou ao poder na qualidade de crítico do oligárquico sistema político venezuelano, pois através de tal rechaço havia justificado a fracassada tentativa de golpe de Estado em 1992, comandada por ele quando era tenente-coronel do Exército. Ademais, se comportou como um líder antipartidário durante o pleito de 1998, sua eleição foi viabilizada pelo descrédito em relação aos partidos políticos tradicionais e ao sistema político representativo da Venezuela. Ou seja, o êxito eleitoral do grupo chamado de bolivariano significou a possibilidade de se realizar mudanças estruturais no país.

Na era Chávez, o termo bolivariano se tornou base das transformações sociais realizadas no período e o país passou a se chamar República Bolivariana da Venezuela. Todavia, como aponta Uchoa (2003), o bolivarianismo possui raízes antigas, pois “cultuar a figura do libertador é uma tradição muito importante na Venezuela, e suas raízes históricas estão profundamente arraigadas na cultura local” (Uchoa, 2003, p. 103). Esse prócer foi o personagem mais destacado durante as guerras pela independência das colônias espanholas na América, ocorridas entre 1810 e 1824 quando houve a derradeira Batalha de Ayacucho, e sua influência se estende a vários países na América Latina, em especial na região andina.

O Bolivarianismo, ou seja, o culto à figura de Simón Bolívar, foi historicamente construído na Venezuela. Desde 1842, quando os restos mortais do libertador foram repatriados à Caracas, ele se tornou o principal símbolo da jovem República, uma espécie de suporte moral do país. No entanto, somente em 1883, na presidência de Guzmán Blanco (1870-1888), o culto a Bolívar se tornou algo oficial com um “batismo institucional da religião bolivariana” (Caballero, 2007, p. 23), passando a ser utilizado pelos presidentes venezuelanos no intuito de atribuir a eles as qualidades presentes no

libertador (força, moral e liderança), simbolizadas pelo uso da espada de Simón Bolívar. Desde então, o culto a Bolívar esteve presente na vida política da Venezuela e sobreviveu por gerações, pois “sucessivos presidentes e generais [...] prestaram uma obediente homenagem ao libertador” (Gott, 2004, p.136). De acordo com Carrera Damas (2005):

Quando não há um legado ideológico ou um corpo de pensamento comparativamente muito estruturado e sistemático, como ocorre no caso de Simón Bolívar, se dá a oportunidade de transcender o símbolo utilizando esse legado para compor, respaldar ou suprir programas de ação política de todo gênero (Carrera Damas, 2005, p. 15).

Contudo, na gestão Chávez o culto à figura de Bolívar sofreu um processo de revisão histórica, produto de uma releitura que havia sido feita no interior das Forças Armadas da Venezuela na década de 1970, quando Chávez ainda era cadete. Porém, seu objetivo enquanto presidente da República foi se inspirar no que seria uma característica histórica da nação, isto é, o bolivarianismo, a fim de construir um modelo para o futuro (Gott, 2004, p. 137). Além disso, o bolivarianismo de Chávez se fundamentou no carisma de seu líder e na intensa mobilização social em favor das mudanças estruturais, orbitando em torno do mito historicamente arraigado à cultura do país. Isso significa que o culto ao libertador não foi inventado por Chávez e o fato da Revolução ter sido batizada de Bolivariana não pode ser considerado uma surpresa.

No entanto, o tipo de abordagem que Chávez fez foi diferente de seus antecessores. Durante seu governo, a figura de Bolívar foi institucionalizada por meio da Constituição de 1999 quando o nome do país foi alterado para República Bolivariana da Venezuela. Cinco poderes foram instituídos, dentre os quais o Poder Cidadão, exercido por intermédio do Conselho Moral Republicano, com a função de investigar a ética pública, a moral administrativa, a liberdade, a democracia, etc (Venezuela, 1999). Esse Poder havia sido sugerido por Simón Bolívar no Discurso de Angostura (1819) com a finalidade de manter a virtude da República, a exemplo do que havia entre gregos e romanos na Antiguidade (Bolívar, 2009a). Segundo a proposta, o Poder Moral seria desempenhado por um conselho composto por quarenta membros responsáveis em exercer autoridade no tocante aos costumes e a educação pública (Bolívar, 2009b). No entanto, na época tal proposta foi recusada pelo Congresso instalado em Angostura.

Chávez a retomou com o nome de Poder Cidadão, com o qual disse restabelecer a ordem bolivariana (moral de luzes) (Chávez, 1999), destituída pela oligarquia *criolla* em 1831 quando ela se apropriou do poder. Dessa forma, a República e a figura de Bolívar se fundiram, atingindo a função de um símbolo moral do processo político. Antes de ser eleito e principalmente após ascender ao Miraflores, Chávez se colocou no cenário político como um continuador da obra de Bolívar e responsável por restituir o poder ao povo venezuelano através do ideário bolivariano. Para melhor evidenciar tal fato, é importante destacar que historicamente houve na Venezuela duas representações de Simón Bolívar: o letrado, pertencente ao Estado e considerado o ‘oficial’; e o de raiz popular, presente na memória do povo venezuelano. No primeiro caso, o libertador significa a base da consciência nacional, da cultura venezuelana, da liberdade e do desenvolvimento econômico. No segundo exemplo, ele é entendido como um santo, razão de luta para aqueles que se

sentem fora do poder, representado como um messias e lutador por justiça e liberdade (Salas, 2001, p. 205).

Sendo assim, um ponto fundamental na recuperação do mito de Bolívar feito por Chávez foi a conciliação entre essas duas formas de bolivarianismo e de seus elementos no processo político denominado de Revolução Bolivariana. Quando Chávez inseriu Bolívar na qualidade de símbolo máximo do regime, manteve a “aura de santidade” contida no bolivarianismo popular. Mas, por outro lado, institucionalizou sua figura ao redefinir o nome do país e ao denominar políticas públicas compensatórias em alusão ao prócer, como as Missões (Sociais) Bolivarianas (Maringoni, 2009, p. 153-155). Sua figura foi reforçada como ponto fulcral na formação da cultura venezuelana. Dessa forma, não há novidade no que tange a existência do culto à figura de Bolívar (Neves, 2010, p. 116-120), porém, há especificidades e inovação no fato de se misturar esses dois tipos de culto ao prócer como instrumento de mobilização das massas e fonte inspiradora das transformações sociais promovidas pelo regime.

Consequentemente, em quatorze anos de governo Chávez venceu 15 das 16 consultas populares submetidas, dentre as quais a Constituição de 1999, referendada em plebiscito (algo considerado inédito na história política do país) e o referendun revocatório de seu mandato realizado em agosto de 2004 (CNE, 2014). Em 2009, Chávez conseguiu aprovar a controversa Emenda Constitucional com a qual permitiu à reeleição sem limites a cargos no Poder Executivo. Tais consultas foram associadas a uma forma de democracia direta, a exemplo do que Bolívar mencionou durante o Congresso de Angostura (1819). Em discurso, o prócer havia defendido as ‘virtudes’ de uma democracia absoluta (ou democracia direta), a exemplo da existente entre os gregos na Antiguidade (Bolívar, 2009a).

Tais palavras do libertador foram interpretadas pelo regime como uma forma de democracia, denominada de democracia bolivariana e, portanto, legitimada pelo libertador. Ademais, Chávez saiu vitorioso em todas as eleições presidenciais disputadas, a última delas em outubro de 2012 quando conseguiu o quarto mandato de presidente da República. Em todos esses casos, o uso do mito de Simón Bolívar foi primordial na difusão das realizações do regime e na divulgação de suas políticas, demonstrando que, na visão de grande parte da população venezuelana, a Revolução Bolivariana, isto é, a continuidade da “obra” de Bolívar, trouxe benefícios concretos.

Em contrapartida, as resistências enfrentadas pela Revolução Bolivariana, manifestadas por meio das tentativas da oposição de retirar Chávez do poder, não surtiram o efeito esperado pelos setores contrários ao regime. Além de acumular derrotas nos pleitos eleitorais disputados contra Chávez e seus candidatos, a aposta no êxito do golpe de Estado em abril de 2002 fracassou devido ao forte apoio popular ao presidente<sup>1</sup>. Na ocasião, setores das Forças Armadas, empresários, as emissoras de TV privadas e o alto-clero da Igreja Católica da Venezuela, com o apoio dos Estados Unidos, chegaram a retirar Chávez do poder por aproximadamente 72 horas (Harnecker, 2004, p. 217-227). Ao ser reconduzido ao cargo, Chávez enfatizou que seus adversários estavam contra Bolívar e o projeto bolivariano liderado por ele, tal como havia sido feito na Venezuela entre 1831 e 1998. Por isso, seu retorno após debelar o golpe foi estrategicamente descrito como a garantia de continuidade da obra e do sonho de Simón Bolívar, em razão da restituição da Carta Magna Bolivariana, conforme disse em pronunciamento (Chávez, 2002).

---

1. É importante enfatizar que há uma boa quantidade de livros e artigos escritos a respeito do golpe de Estado ocorrido em abril de 2002 na Venezuela.

Dessa forma, compreende-se a estratégia do regime em reforçar ainda mais o culto à figura do libertador. Para tanto, em 2010 o governo da Venezuela decidiu exumar a ossada de Bolívar e submetê-la a exames com a finalidade de questionar a versão histórica de que havia morrido de tuberculose. Chávez desejava comprovar que o prócer havia sido assassinado. Contudo, isso não foi possível. Com base no pouco esclarecedor laudo médico-antropológico sobre as causas da morte do libertador publicado em 2012, Bolívar faleceu vítima de *histoplasmosis*, uma infecção com sintomas semelhantes ao da tuberculose (Venezuela, 2012).

Apesar disso, o ato de exumar os restos mortais do libertador permitiu, com o uso de tecnologias avançadas, reproduzir uma imagem do que supostamente teria sido o rosto de Bolívar. Através do crânio do libertador, os estudiosos fizeram uma reconstrução de face em 3D, mediante o instrumento chamado de tomografia axial computadorizada. Isso proporcionou uma imagem mais ‘real’ de Bolívar, em comparação com aquelas feitas em pinturas no século XIX. De acordo com matéria publicada no periódico *oficialista Correo del Orinoco*, Chávez descreveu Bolívar como um mestiço e criticou a burguesia do século XIX e seus intelectuais pintores por “branquearem nossos heróis” (Davies, 2012, p. 2). A partir dessa imagem em 3D, Chávez se tornava mais próximo ao libertador e, portanto, mais digno de conduzir suas obras, pois também costumava se apresentar como um mestiço, afrodescendente e com sangue indígena. Ou seja, o Bolívar mestiço combinava com o Chávez igualmente mestiço.

Os argumentos expostos acima caracterizam a excepcionalidade da realidade política venezuelana durante o período da Revolução Bolivariana, em razão da forma particular com a qual se explorou a figura de Simón Bolívar e complementam-se com o estilo de liderança exercido por Chávez, tal como é discutido no próximo item.

### **3 Liderança e carisma: Hugo Chávez como uma figura política peculiar na América Latina**

Na manhã de 4 de fevereiro de 1992, o tenente-coronel Hugo Chávez apareceu ao vivo na televisão venezuelana pronunciando as seguintes palavras:

Companheiros: lamentavelmente, *por enquanto*, os objetivos que nos colocamos não foram atingidos na capital. Ou seja, nós, aqui em Caracas, não conseguimos controlar o poder. [...] Companheiros: ouçam esta mensagem solidária. Agradeço-lhes a lealdade, valentia, o desprendimento. Eu, ante o país e ante vocês, assumo a responsabilidade deste movimento militar bolivariano. Muito Obrigado (Uchoa, 2003, p. 165).

Através desse breve pronunciamento em cadeia nacional, Hugo Chávez se tornou a representação pessoal de um processo político que, até aquele momento, não possuía um rosto que o identificasse. Durante os desdobramentos do levante militar, as poucas informações indicadas pela imprensa (nacional e internacional) davam conta de que se tratava apenas de um movimento perpetrado por militares insubordinados.

Contudo, a repercussão política das breves palavras do tenente-coronel paraquedista impactou o país e surpreendeu a elite dirigente da Venezuela ao encontrar inserção favorável nos setores populares. A partir daquele momento, Chávez passou a ser visto por uma significativa parcela da população venezuelana como uma alternativa viável contra a crise estrutural vivida pelo sistema

político do país desde 1983, pois as tentativas da elite dirigente em reformá-lo não surtiram efeitos. Por isso, os militares insurretos justificaram o levante como a tentativa de implantar na Venezuela um projeto político-econômico ‘alternativo’ em relação ao neoliberalismo predominante (Lopez Maya, 2006, p. 42). Sendo assim, o ‘*por enquanto*’, pronunciado na breve declaração de Chávez, se tornou lema de campanha em 1998 e “sua popularidade espalhou-se como fogo em palha seca” (Jones, 2008, p. 169).

O fato de ter ocorrido uma intervenção militar indicava que as instituições venezuelanas estavam fragilizadas em virtude da crise econômica e do descrédito no bipartidarismo oligárquico. Embora tivesse amplo histórico de intervenções militares na política em períodos de crise, desde 1958 a Venezuela vinha sendo governada por um arranjo bipartidário, pelo qual foi estabelecida a submissão das Forças Armadas ao domínio civil (Ewell, 2002, p. 325-356). Nesse período, conhecido como Pacto de *Punto Fijo*, houve um predomínio dos militares profissionais em detrimento daqueles considerados ‘pretorianos’, sendo viabilizada a tomada do poder pelos civis em um regime democrático, porém oligárquico. Contudo, as Forças Armadas mantiveram sua influência política, sendo o militarismo crucial no entendimento da cultura política venezuelana, assim como o culto à figura de Bolívar (Neves, 2010, p. 111-116). Chávez e seus companheiros puseram em dúvida justamente a viabilidade do domínio dos civis, considerados corruptos, incapazes de governar e entreguistas.

Tais especificidades da realidade política da Venezuela permitiu compreender porque grande parte dos eleitores venezuelanos não apresentou resistência em relação ao fato da presidência da República ser exercida por um ex-militar, com um discurso nacionalista e bolivariano. Segundo Neves (2010):

A equação militarismo-democracia é compreendida normalmente pelo pensamento político do venezuelano, pois sintetiza a modernidade do discurso da democracia, como estruturas de significação profundas e, por vezes, atávicas – reaparecendo após um período de hibernação latente – no campo político (Neves, 2010, p. 116).

Por outro lado, a atitude de Chávez foi amplamente reprovada no âmbito internacional e até mesmo o presidente cubano Fidel Castro rechaçou a tentativa de golpe<sup>2</sup>. Segundo Löwy e Sader (1976), a América Latina possui um histórico de intervenção militar na política, região conhecida pelos *pronunciamientos* e *juntas militares*, o que não caracterizava excepcionalidade. Porém, em 1992 vários países latino-americanos, a exemplo de Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e outros, haviam acabado de superar suas respectivas experiências ditatoriais. Por isso, o ex-tenente-coronel enfrentou a desconfiança de setores da esquerda latino-americana, que não o enxergavam como

---

2. Em 1992, o governo cubano enfrentava uma de suas piores crises desde o início da Revolução em 1959. O fim da União Soviética com a persistência do bloqueio norte-americano fez com que a Ilha ficasse política, econômica e diplomaticamente isolada (Gott, 2006, p. 307-357). Logo, o país entrou no denominado “período especial em tempos de paz”, que pode ser considerado um momento de transição no regime cubano rumo a uma estrutura econômica não mais dependente dos soviéticos. Para tanto, Cuba tentou buscar novas alternativas de parceria junto aos países latino-americanos, através de uma política de reaproximação. Dessa forma, quando Chávez tentou o golpe em 1992, o governo de Andrés Pérez era considerado um aliado cubano, por isso, Castro condenou o golpe. No entanto, tal postura foi revista e em 1994, após ser libertado da prisão, Chávez visitou a Ilha e se encontrou com Fidel Castro, que mais tarde se tornaria seu principal aliado na região.

democrático e tampouco um líder de esquerda, desprezando sua interpretação no que tange a obra de Simón Bolívar, visto como um produto da aristocracia venezuelana do século XIX.

No entanto, Chávez não somente foi eleito presidente pouco tempo depois como governou o país por quatorze anos (1999-2013) com apoio popular suficiente para implantar as reformas estruturais via mecanismos plebiscitários, se caracterizando como um líder popular e aceitável na visão de grande parte dos venezuelanos. Para tanto, uma pergunta se torna imprescindível: que tipo de líder foi Chávez e quais as características fundamentais de sua liderança? Trata-se de uma questão fundamental e complexa, em razão dos desdobramentos políticos produzidos durante a Revolução Bolivariana, na esteira de condicionantes circunstanciais, e pela personalidade de seu principal expoente. Ademais, grande parte do que se diz sobre Chávez é distorcido pelos grandes meios de comunicação de massa, venezuelanos e estrangeiros, pois “sob vários aspectos, a mídia deixou de compreender a história ao não conseguir explicar por que o dirigente goza de tamanha popularidade [...]” (Jones, 2008, p. 10).

Consequentemente, Chávez esteve longe de ser unanimidade enquanto presidente da República e figura política. Ao contrário, sua gestão foi marcada pela intensa polarização no cenário político, potencializada após a tentativa da oposição de retirá-lo do poder mediante golpe de Estado em abril de 2002. Chávez exerceu um tipo peculiar de liderança, com atitudes controversas e de consequência provocativa, as quais refletiram na forma como muitos autores o retrataram durante sua administração, resultado do cenário político polarizado. Chávez alimentava a polarização outorgando uma finalidade radical à suas atitudes e visava legitimar o processo político enquanto algo verdadeiramente revolucionário. Dessa forma, em discurso proferido em abril de 2005 em Havana na ocasião de um encontro contra a ALCA, o presidente da Venezuela refutou a tese da existência de um ‘*chavismo light*’: “[...] *no hay chavismo light, el chavismo es radical, sino, no es chavismo*” (Chávez, 2005).

Como consequência, alguns autores enxergaram a Revolução Bolivariana e seu líder sob uma perspectiva negativa e orientados pela lógica da desconfiança. Para Caballero (2007), Chávez era um político que falsificava a história, pouco a conhecia e a interpretava visando os próprios interesses, não apresentava raciocínio coerente em seus discursos e utilizava palavras ditas por Simón Bolívar de forma descontextualizada e com o propósito de justificar atitudes arbitrárias (Caballero, 2007, p. 210-212). Com perspectiva semelhante, Krauze (2013) atribuiu elementos fascistas a Chávez e ao processo político comandado por ele, exemplificado no culto à personalidade, no discurso agressivo em relação a seus adversários e na lógica belicista pela qual interpretava a história e a política internacional (Krauze, 2013, p. 212).

Por outro lado, de acordo com Harnecker (2003), a Revolução Bolivariana e seu líder podem ser compreendidos como algo *sui generis*. Isso porque surgiu a partir de uma vitória eleitoral, permanece ideologicamente indefinida, o processo foi conduzido por um ex-militar insurgente, não possui um partido de vanguarda, enfrentou dificuldade em combater a corrupção, não suspendeu o pagamento da dívida externa (Harnecker, 2003, p. 1) e, embora tenha havido conflitos e atos de violência, no geral as transformações foram realizadas de maneira pacífica. Segundo Maringoni (2009), o estilo de liderança desempenhado por Chávez não pode ser considerado demagógico, a exemplo de outras experiências de liderança política vividas na América Latina. Em sua visão, Chávez seria produto de erros cometidos pela oligarquia político-petroleira, responsável por deixar

a situação político-econômica piorar ao ponto de grande parte do eleitorado venezuelano optar pela alternativa, em detrimento dos partidos tradicionais.

Chávez é não só um líder, mas o principal e praticamente único garantidor do processo político em curso no seu país. É porta-voz central de seu governo, assim como é o grande intelectual, formador e estrategista das ações do Estado (Maringoni, 2009, p. 169-170).

Levando em consideração as visões divergentes apontadas acima, bem como a intensa polarização política que marcou esse momento político na Venezuela, o estilo de liderança desempenhado por Chávez pode ser considerado polêmico e controvertido, sendo impossível caracterizá-lo de forma consensual. Tal dificuldade deriva do próprio conceito de liderança que não é algo simples de ser definido, conforme destaca Bobbio (1998). Segundo esse autor, alguns tipos de líderes podem ser classificados entre aqueles capazes de arrastarem multidões em torno de uma ideia com o propósito de concretizá-la. A posição ocupada pelo líder somente pode ser entendida sob o aspecto de que ele preenche um espaço central no processo político em questão (Bobbio, 1998, p. 715-716). Chávez e seu posicionamento como o continuador da obra de Simón Bolívar podem ser enquadrados nessa perspectiva.

Todavia, no caso do líder venezuelano, há outro elemento que não pode ser desconsiderado: o carisma, conceito entendido na lógica weberiana como um tipo ‘puro de dominação’, construído em virtude da devoção à pessoa em razão de heroísmo, poder intelectual e de oratória que promove uma ligação sentimental e intensa entre o líder e seus comandados (Weber, 1986, p. 134-135). Sendo assim, Chávez pode ser considerado um tipo de líder carismático que conduziu um processo político surgido a partir de um cenário de profunda crise estrutural, tal como o vivido pela Venezuela na década de 1990. Tudo isso somado ao legado histórico envolvendo o culto a Bolívar e a equação militarismo-democracia, destacado acima, tornando-se parte e sustentáculo da Revolução Bolivariana.

Classificá-lo como mais um presidente venezuelano nacionalista, atribuir a sua personalidade traços fascistas, ditatoriais e demagógicos não são capazes de esgotar as problemáticas no que tange as atitudes que tomou enquanto presidente, tampouco aos desdobramentos políticos provocados a partir de suas decisões. Considerá-lo um líder pertencente à esquerda também não satisfaz a análise, pois governou a Venezuela quando a Guerra Fria já havia terminado e seu Socialismo do Século XXI não pode ser entendido na mesma lógica da experiência do século XX. Portanto, as peculiaridades envolvendo a realidade política da Venezuela e o estilo de liderança desempenhado por Chávez encontra-se na impossibilidade de enquadrá-lo com base em classificações historicamente utilizadas (em particular no século XX) para definir outros líderes da América Latina que, assim como ele, possuíam inserção nas massas. Todavia, com a morte de sua principal liderança ocorrida em março de 2013, emerge outra questão fundamental à Revolução Bolivariana: o desaparecimento físico de Chávez pôs fim a esse processo político?

#### **4 A revolução bolivariana terminou com a morte de Hugo Chávez?**

Tal como destacado nos itens anteriores, a Revolução Bolivariana na Venezuela foi estabelecida com base em dois pilares: a abordagem feita por Chávez do culto à figura de Simón Bolívar e o

foco na liderança pessoal, desempenhada por um líder político carismático, respaldado pelas Forças Armadas e por grande parte da população. Esses dois pontos podem ser somados a lógica circunstancial de sua ascensão à presidência, sob um cenário de crise estrutural e intensa polarização. Segundo Serbin (2008), na Venezuela bolivariana a polarização abrange os âmbitos político, social e cultural, a partir do qual o governo mantém os setores sociais plenamente identificados à figura do presidente Chávez e a suas políticas, a exemplo das Forças Armadas e alguns grupos políticos de esquerda (Serbin, 2008, p. 126).

Todavia, tais bases de sustentação do regime foram se consolidando através dos desdobramentos conjunturais ocorridos durante o processo e o aprofundamento de medidas de corte social, pois a Revolução Bolivariana adquiriu um viés ainda mais personalista ao intensificar a polarização política a partir dos seguintes eventos: a tentativa de golpe de Estado ocorrida em abril de 2002; a greve no setor petrolífero, promovida pela gerência da PDVSA e responsável por praticamente paralisar a produção entre dezembro de 2002 e fevereiro de 2003; e o referendo revogatório em agosto de 2004. Em todos eles, as forças governistas saíram vitoriosas e, como resultado, Chávez se empenhou pessoalmente na aprovação da Emenda Constitucional com a qual permitiu a reeleição sem limites, referendada em 2009.

Desta forma, como aponta Lander (2005), as derrotas sofridas pela oposição, tanto no campo institucional-eleitoral quanto nas tentativas de golpe e sabotagem, viabilizaram consideráveis mudanças políticas na Venezuela, pois consolidaram o apoio popular a Chávez, neutralizaram os militares contrários ao presidente e permitiu-se a reestruturação na PDVSA com a demissão de funcionários alinhados com a oposição (Lander, 2005, p. 207). Essa considerável preponderância a favor de Chávez provocou críticas de adversários no tocante a excessiva concentração de poderes nas mãos do presidente da República, o que pode se mostrar prejudicial, pois:

Uma das maiores fraquezas da Revolução Bolivariana era o culto à personalidade envolvendo Chávez. O presidente agia como a figura solitária e dominante do palco quando se tornou líder do movimento e havia dúvidas reais sobre quão duradouro seria o futuro dos chavistas quando seu líder saísse de cena (Jones, 2008, p. 479).

Tal perspectiva parece confirmada pelo fato de que, desde junho de 2011 quando Chávez foi diagnosticado com câncer, o sistema político da Venezuela encontra-se marcado não apenas pela polarização, mas também pela instabilidade. Em parte, ela foi insuflada pela oposição, que não desperdiçou a oportunidade de deslegitimar a liderança de Chávez que permanecia em Havana por longos períodos em tratamento quimioterápico. No entanto, o presidente, seus familiares e assessores próximos forneceram poucas informações a respeito da real gravidade da doença. Mesmo assim, demonstrou força política suficiente para encarar as eleições presidenciais e se reeleger pela quarta vez presidente da Venezuela, com 55% dos votos (CNE, 2014), em 7 de outubro de 2012. Em uma campanha altamente polarizada, Chávez continuou defendendo em seus discursos que a continuidade da Revolução Bolivariana dependeria de sua permanência como presidente da República. Por isso, sua morte ocorrida em março de 2013 sem ter sido de fato reempessoado ao cargo, agravou o cenário de instabilidade e incertezas no sistema político da Venezuela, aprofundando o debate sobre os rumos do bolivarianismo sem sua principal liderança.

Durante o período em que esteve a frente do processo, a liderança de Chávez foi primordial nos momentos em que a oposição recorreu a táticas não institucionais e autoritárias no intuito de impedir o prosseguimento da Revolução e de suas políticas. Além disso, uma parte considerável da população venezuelana associa Chávez com as conquistas sociais que obtiveram durante sua gestão, sobretudo setores da classe média, os mais pobres e os militares. A centralidade da liderança carismática de Chávez, associada a uma centralização das decisões, se tornou um dos desafios a continuidade do bolivarianismo (Pérez Flores, 2013, p. 4). Contudo, Chávez não desapareceu do cenário político da Venezuela, apenas deixou de estar presente fisicamente. Assim como ele próprio fez com Bolívar, sua figura passou a ser imensamente explorada por seus sucessores, na qualidade de um portador de ‘virtudes’. Desta forma, o chavismo pode se manter como um dos pólos da política venezuelana, tal como afirma Ayerbe (2013):

Penso que o chavismo vai prevalecer como uma lembrança do seu significado em termos de mudança substancial da vida da população mais pobre nos anos em que esteve no governo [...]. Mas em termos de ideário, está muito ligado à personalidade do líder e não a um conjunto de ideias coerentes, profundas, como aconteceu, pensando na filiação à esquerda do Chávez, com referentes do socialismo que exerceram o poder como Lênin e Mao. (Ayerbe, 2013).

Sua memória tornou-se um instrumento de mobilização política, utilizado por intermédio de Nicolás Maduro, escolhido por Chávez para sucedê-lo. Maduro foi eleito presidente da Venezuela em abril de 2013 com votação apertada de 50,6% dos votos (Ayerbe, 2013), em meio a um clima de comoção provocado pela morte de Chávez em março. Tal resultado demonstrou que para continuar no poder o bolivarianismo necessita da emergência de novas lideranças e do avanço nas conquistas sociais através da melhoria de vida dos venezuelanos. De qualquer forma, em curto prazo, a memória de Chávez e a continuidade (ou não) das políticas associadas a sua imagem parecem ser determinantes nos embates eleitorais e na própria gestão governamental. Isso explica a insistência de Maduro em se apresentar como o herdeiro do bolivarianismo. Também não é por acaso ou descuido que Maduro afirma que Chávez havia “aparecido” para ele na forma de um passarinho, ou o fato de realizar seus discursos ladeado a dois quadros, um com a imagem de Bolívar e outro com a de Hugo Chávez.

A figura do ex-presidente prossegue sendo influente nos rumos do país, pois existe uma parcela da população profundamente identificada com Chávez e que se sente responsável por lutar a favor dos ideais da Revolução. Isso pôde ser sentido de maneira concreta em uma sessão da Assembleia Nacional da Venezuela, ocorrida em janeiro de 2014. Na ocasião, a deputada opositora Maria Corina Machado afirmou – durante sua intervenção parlamentar – que a mesa diretora daquela instituição havia sido designada em Cuba e, segundo sua visão, o período político compreendido como Revolução Bolivariana se tratava do mais corrupto da história política do país. Imediatamente, os partidários de Chávez, tanto entre os deputados quanto na plateia presente, reagiram gritando: *la lucha sigue, Chávez vive*. A parlamentar chegou a interromper seu discurso, a TV da Assembleia preencheu a tela inteira com a imagem de Chávez e até mesmo o presidente da Casa, Dios dado Cabello, aderiu ao movimento batendo palmas (Machado, 2014).

Embora tal episódio tenha sido interpretado de maneira distinta pelos partidários do governo e pela oposição, isso demonstra que a Revolução Bolivariana não terminou com a morte de sua principal liderança. No entanto, sua permanência tornou-se dependente da continuidade das conquistas sociais obtidas na era Chávez e a superação da crise econômica que afeta o país.

A Revolução conduzida por Chávez iniciou um processo de superação da política oligárquica e o desenvolvimento de uma prática relativamente democrática, associada à inclusão política, econômica e social de amplas camadas da população. Desta forma, Chávez continua sendo uma figura decisiva no cenário político da Venezuela, ainda que esteja ocupando um espaço distinto no cenário político.

### **5 Considerações finais**

Considerando o analisado ao longo do artigo, a Revolução Bolivariana na Venezuela pode ser vislumbrada como um processo político complexo, de transformações estruturais com impactos em toda a América Latina no começo do século XXI. Nesta trajetória, Hugo Chávez desempenhou um papel fundamental e a complexidade de tal processo encontra-se associada à forma peculiar como ele se inseriu no cenário político, as conquistas sociais obtidas durante sua gestão e, sobretudo, as especificidades envolvendo a realidade política do país. Tais condicionantes influenciaram de forma significativa no processo analisado em razão da nova abordagem ao culto de Simón Bolívar, do tipo de liderança exercido por Chávez e pelo fato de que, mesmo fisicamente ausente, ele continua sendo o sustentáculo da Revolução.

Contudo, isso não significou que a Venezuela após 1999 tenha ficado completamente alheia em relação aos parâmetros historicamente estipulados para definir realidades político-sociais em processos de emancipação das massas, através da construção de uma nova relação da sociedade civil com o Estado. De certa maneira, esse processo também foi influenciado por tais condicionantes, porém, as especificidades analisadas no artigo ocuparam um papel destacado no processo, viabilizando a Chávez o exercício de um papel de protagonismo em um cenário político polarizado. Esse processo teve como principal sustentáculo a resignificação do culto a Bolívar, aliado ao carisma de Hugo Chávez, viabilizando a reformulação político-institucional e o avanço nas políticas sociais.

Devido a tais fatores, a Revolução Bolivariana foi capaz de sobreviver a situações de elevada tensão, quando sua continuidade esteve fortemente questionada. Em tais momentos, os canais de participação direta da população existentes no sistema político venezuelano e a liderança de Chávez desempenharam um papel fundamental na manutenção tanto do regime quanto de suas políticas. Todavia, a Revolução Bolivariana não se institucionalizou de maneira profunda e a extrema dependência em relação a seu líder se tornaram entraves a sua continuidade, ainda que Chávez tenha afirmado em vários de seus discursos que sua revolução fincou bases ‘para sempre’. Para seus partidários, o desafio seria manter a coesão entre as forças que compõe o bolivarianismo e o aprofundamento das conquistas sociais. Por outro lado, aos adversários restaram o desafio de lidar com a memória de Chávez ante os setores populares e manter as políticas sociais instituídas.

## Referências

- AYERBE, Luis. Fernando. Hugo Chávez e a América Latina: as consequências de um legado. Entrevista com o professor-doutor Luis Fernando Ayerbe – por Anatólio Medeiros Arce. *REHR – Revista Eletrônica História em Reflexão*, v.7, n. 14, UFGD – Dourados (MS), jul/dez, 2013.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. 11<sup>a</sup> Edição. Tradução: Carmen Varriale *et alli*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BOLÍVAR, Simón. Discurso del Congreso de Angostura. Angostura, 15 de febrero de 1819. In. \_\_\_\_\_. *La doctrina del Libertador*. 3<sup>a</sup> Edición. República Bolivariana de Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2009a.
- \_\_\_\_\_. El Poder Moral. Angostura, 15 de febrero de 1819. In. \_\_\_\_\_. *La doctrina del Libertador*. 3<sup>a</sup> Edición. República Bolivariana de Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 2009b.
- CABALLERO, Manuel. *Revolución, reacción y falsificación*. 2<sup>a</sup> ed. Caracas: Alfadil Ediciones, 2007.
- CARRERA DAMAS, Germán. *El bolivarianismo-militarismo, una ideología de reemplazo*. Caracas: Ala del Cuervom, 2005.
- CHÁVEZ, Hugo. Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de presentar al país el proyecto de Constitución. Palacio de Miraflores, Caracas, 15 de noviembre de 1999. In. 1999: “*Año de la refundación de la República*”. Selección de Discursos del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías. Caracas: Ediciones de la Presidencia de la República, p. 472-473.
- \_\_\_\_\_. Mensaje del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la restitución de poderes. Palacio de Miraflores – Caracas, 14 de abril de 2002. In. 2002: “*Año de la resistencia antiimperialista*”. Selección de Discursos del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías. Caracas: Ediciones de la Presidencia de la República, p.277-290.
- \_\_\_\_\_. Discurso del presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías, con motivo de la sesión especial sobre el ALBA en el marco del IV Encuentro Hemisférico contra el ALCA. La Habana, Cuba, 29 de abril de 2005, In. 2005: “*Año del Salto Adelante*”. Selección de Discursos del Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Hugo Chávez Frías. Caracas: Ediciones de la Presidencia de la República, p. 259-303.
- CONSEJO NACIONAL DE VENEZUELA (CNE). <http://www.cne.gob.ve/web/index.php>. Vários acessos em: 2014.
- DAVIES, Vanessa. Chávez presentó el rostro de Bolívar: era un hombre mestizo y de nariz ancha. In. *Correo del Orinoco*. Caracas, 25 de julio de 2012.
- EWELL, Judith. Venezuela, 1930-1990. In: BETHELL, L (Org). *Historia de América Latina: los países andinos desde 1930*. Traducción: Jordi Beltrán. Barcelona: Editorial Crítica, 2002, p.301-356.
- GOTT, Richard. *À sombra do Libertador: Hugo Chávez Frías e a transformação da Venezuela*. 1<sup>a</sup> Edição. Tradução: Ana Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Cuba: uma nova história*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.
- HARNECKER, Marta. *Um homem, um povo*. Tradução: Geraldo Martins. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- \_\_\_\_\_. Venezuela: una revolución sui géneris. In. *Ponencia para el seminario de LAC* (Foro Social Mundial III). Enero de 2002, p. 15.
- JONES, Bart. *Hugo Chávez: da origem simples ao ideário da Revolução permanente*. Tradução: Rodrigo Castro. São Paulo: Editora Novo Conceito, 2008.
- KRAUZE, Enrique. *O poder e o delírio*. Tradução: Luis Reyes Gil. São Paulo: Benvirá, 2013.

- LANDER, Edgardo. Venezuela: la busca de un proyecto contra-hegemónico. In. *CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*, 2005.
- LOPEZ MAYA, Margarita. Venezuela 2001-2004: actores y estrategias en la lucha hegemónica. In. *CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*, 2006, p.48
- LÖWY, Michael & SADER, Eder. La militarisation de l'État en Amérique Latine. In : *Tiers-Monde*, tome 17 n° 68. *L'Amérique Latine après cinquante ans d'industrialisation* (sous la direction de Pedro Calil Padis), p.857-890.
- MACHADO, Maria. [depoimento, 2014]. Maria Corina Machado: Esta directiva de la AN fue designada en La Habana. <http://www.youtube.com/watch?v=Pv2o9izoFIk>. Acesso em 2014.
- MARINGONI, Gilberto. *A revolução venezuelana*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- NEVES, Romulo. *Cultura política e elementos de análise da política venezuelana*. Brasília: FUNAG, 2010.
- PÉREZ FLORES, Fidel. Os dois tempos do cenário político pós-Chávez. In: *OPSA*, Rio de Janeiro, março de 2013. Disponível em: <http://observatorio.iesp.uerj.br> (acessado em 11/02/2014).
- SALAS, Yolanda. La dramatización social y política del imaginario popular: el fenómeno del bolivarismo en Venezuela. In. *Estudios Latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización*. CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001, p.201-221.
- SERBIN, Andrés. Hugo Chávez: liderança e polarização. Tradução: Julia Souza Ayerbe. In. AYERBE, Luis Fernando (Org). *Novas lideranças políticas e alternativas de governo na América do Sul*. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p.117-151.
- UCHOA, Pablo. *Venezuela: a encruzilhada de Hugo Chávez*. São Paulo: Globo, 2003.
- VENEZUELA. Constitución de la República Bolivariana de Venezuela (1999). In. NEGÓCIO, R. V & CIPRIANO, R. C (Orgs). *Constituições da América Latina e Caribe*. Volume II. Brasília: FUNAG, 2010, p.467-587.
- \_\_\_\_\_. *Informe preliminar sobre las causas de la muerte de El Libertador Simón Bolívar*. Caracas, Julio de 2012.
- WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In. *Coleção Grandes Cientistas sociais*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1986.

*Artigo recebido em: Janeiro/2015*

*Artigo aprovado em: Maio/2015*

**Anatolio Medeiros Arce** (anatolio.arce@r7.com) é doutorando e Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Bacharel em Ciências Sociais pela mesma instituição.

**Marcos Antônio da Silva** (marocam@terra.com.br) é professor de Ciência Política no Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPS) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e na Graduação em Ciências Sociais da UFGD. Doutor em Integração da América Latina pelo PROLAM/USP.

### **Revolução e bolivarianismo na Venezuela da Era Chávez**

**Resumo.** Este artigo busca discutir o processo político conhecido como Revolução Bolivariana, iniciado com a ascensão de Hugo Chávez à presidência da República em fevereiro de 1999. Desde então, o país passou por significativas transformações em sua estrutura social, as quais abrangeram os âmbitos, político, econômico e social. Este trabalho foi escrito com base na metodologia de análise das seguintes fontes: discursos e demais proclamas de Simón Bolívar e de Hugo Chávez; artigos jornalísticos publicados no jornal oficialista *Correo del Orinoco*; e outras publicações feitas pelo regime, a exemplo de resultados eleitorais. A análise deste artigo se desenvolve através das seguintes conclusões: a era Chávez foi marcada pela releitura e resignificação do culto ao libertador Simón Bolívar; Chávez exerceu um tipo específico de liderança; e, por fim, defende-se que a Revolução Bolivariana não terminou com a morte Chávez, pois ele continua presente no cenário político como uma figura simbólica manejada por seus sucessores.

**Palavras-chave:** bolivarianismo; Hugo Chávez; liderança; revolução; Venezuela.

### **Revolution and Bolivarianism in Venezuela during Chavez's administration**

**Abstract.** This article aims to discuss about the political process called Bolivarian Revolution, started up in February, 1999 when Hugo Chavez took office as president of Republic. Since then, there was in the country deep structural transformations in economical, political and social contexts. This article is written based on the following historical sources: speeches from Simon Bolivar and Hugo Chavez; journalist articles published on *Correo del Orinoco*; and electoral outcomes. The article is developed in the following perspective: during Chavez's era there was a new approach about Simon Bolivar's legend; Chavez has played a specific kind of leadership; and, finally, the Bolivarian Revolution has not finished after Chavez's death because he remains in political scenery like a symbolical figure used by his successors.

**Key-words:** Bolivarian; Hugo Chavez; leadership; revolution; Venezuela.